

Amor de carnaval

Alisson Azevedo

[Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás]

No sábado de carnaval, tomei posse da minha casa nova. Ou nem tanto: água interrompida, fechadura emperrada.

Apelo ao locador. Ele que pague, eu que resolva. “*Se eu me chamasse Raimundo...*”

“*Eu preciso aprender a ser só*”. Ai, essa minha feia mania de citar versos alheios. Mas é que eles são tão próprios!

Fácil ninguém disse que seria. Não citar (próprios) versos alheios, mas aprender a ser só.

Na verdade, “ser só” é mera e dramática licença poética. O desafio a que me lancei, quase por capricho, consiste em aprender a viver sozinho neste “*mundo, vasto mundo*” de meu Deus. (A licença poética era menos dramática.)

Primeira noite de susto. “*Invadiram a minha casa?*” “*Derrubaram a minha cama?*” “*Chame ladrão!*” (De novo os versos alheios.)

“*Acende a luz, meu bem*”, digo à minha esposa ausente. Me disse que mora em Genebra, depois que foi a Natal. Deu no rádio.

Acordo com a mista sensação de sobressalto e alívio. O noticiário do rádio embalara meu sono e o dera de presente ao pesadelo, ao delírio, à alucinação. Música, divina música.

Hora do café da manhã. Pão, pão, queijo, queijo. Mais o achocolatado, a caixinha de leite...

“*Viver é muito perigoso*” - e dá trabalho.

E pra minorar os trabalhos do (meu) viver, caixinha de leite, de suco - e do que mais houver - com tampa de rosca.

Qual tampinha? Voa, quica, brinca de esconde-esconde com meus outrora ávidos ouvidos, agora moucos é o que são.

“*Onde a miserável tampa?*” “*Sua mãe não veio*”, sentenciara uma amiga. “*E não adianta chorar pelo leite derramado*”, penso eu.

Afinal não derramou leite algum. O que há é uma caixinha sem tampa, como muitas.

Ou as panelas sem tampa é que são muitas?

“*Uma tampa pra sua panela*”, recomendou meu pai, com rigor quase espartano, quando anunciei minha adiada saída.

Já minha mãe foi mais minimalista: que eu não me esquecesse de pentear os cabelos e ficasse atento aos pequenos objetos.

(Maldita tampa... Da caixinha).

É domingo, e domingo – ainda mais se de carnaval – “*não quer ver ninguém bem*”.

Almoço com uma amiga que se debulha em lágrimas. Questões de tampa e panela.

Talvez por solidariedade, arrisco uns frutos do mar. (“*Oh, mar salgado...*”) Frutos de má colheita.

Em casa, longe da minha amiga, naufrago nos humores do corpo. Ela, certamente, é nos humores da alma que naufraga.

Acordo com o interfone. De novo o rádio tocando notícia. “*Tomara que seja a tampa...*”

Mando subir meu amigo. Vem convidar pra um café reforçado (e refinado), numa boa casa do ramo.

Falo da tampa. Rogo pela tampa. Ele apura a vista. Nada ali, nada acolá, “*nada além...*”

“*A geladeira!*” Ele arrasta sofregamente meu estimado refrigerador de águas e mágoas. “*quanta cachaça na minha dor!*”

“*Achei!*” A tampa. Já o ouço retirá-la de onde meus ouvidos não alcançariam; de onde mal a vista alcança.

Agradeço ao meu amigo. E juntos criamos procedimentos preventivos contra o extravio de outras tampas:

lugares protegidos por bordas, diques, paredes.

À noite revejo minha amiga das “*lágrimas amargas*”. Ainda transbordante, ainda sem tampa. Bem sei o que é isso.

Oxalá ela aprenda a criar procedimentos preventivos contra o extravio das suas tampas:

lugares protegidos por bordas, diques, paredes.

Agora preciso ensinar meu rádio a tocar legítimos acordes em vez de notícias falsas. “*Case-se comigo...*”

É a Vanessa da Mata, que acena pra mim do carro alegórico. Deu no rádio. “*Ela desatinou...*”

■ ■ ■